



A FORMAÇÃO DA NOÇÃO DE CONTRADIÇÃO NA FILOSOFIA DE SIMONE WEIL*

The shaping of the concept of contradiction on Simone Weil's Philosophy

Fernando Rey Puente**

Resumo: O objetivo deste artigo é o de investigar a dupla origem da noção de contradição – experiência docente e incursões políticas – que está presente nos textos weilianos da década de 30 do século passado indicando a importância dessa noção para a filosofia weiliana que foi elaborada de modo particularmente intenso nos derradeiros anos de vida da filósofa (entre 1940 e 1943).

Palavras-chave: Contradição. Experiência docente. Experiência política. Ciência. Analogia.

Abstract: This paper aims to investigate the double origin of the notion of contradiction – teaching experience and political incursions – which is present in the Weilian texts of the 30s of the last century, indicating the importance of this notion for the Weilian's philosophy which was elaborated in a particularly intense way in the philosopher's last years of life (between 1940 and 1943).

Keywords: Contradiction. Teaching experience. Political experience. Science. Analogy.

* Artigo recebido em 21/07/2021 e aprovado para publicação em 11/12/2021.

** Professor Titular de Filosofia Antiga na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Simone Weil, ainda antes de ingressar nos estudos superiores, frequentou dois filósofos que deixaram profundas e indeléveis marcas em sua própria filosofia. O primeiro deles foi René Le Senne, seu professor de filosofia no ano de 1924 no Liceu Victor-Duruy. Em janeiro de 1925 ela entrou no Liceu Henri-IV onde por três anos participou das aulas de filosofia ministradas por Emile Chartier, mais conhecido pelo pseudônimo literário Alain. Em outubro de 1928, Simone Weil ingressa na prestigiosa École Normale *Supérieure*, mas ainda continua seguindo alguns cursos de Alain. Foi nessa prestigiosa instituição, criada em 1794 durante a Revolução Francesa com o intuito de opor-se à Sorbonne (a célebre instituição universitária parisiense de origem medieval) que Simone Weil cursou seus estudos superiores de filosofia. A École Normale *Supérieure* foi refundada e reelaborada ao longo do século XIX vindo a tornar-se então em uma das mais seletivas e renomadas instituições de ensino superior na França até os nossos dias. A nossa jovem filósofa defende então a sua tese sobre a noção de ciência e percepção em Descartes sob a orientação do então célebre filósofo Léon Brunschwig e recebe seu diploma de estudos superiores em 1930 com apenas 21 anos.

Em 1931 ela vai ensinar no Liceu feminino de Puy. Em 1932, muda para o Liceu de Auxerre e em 1933 passa a lecionar no Liceu de Roanne. Já em 1935 ela ingressa no Liceu de Bourges e finalmente em 1937 ela ensinará no Liceu de Saint-Quentin. É preciso que ao ler essa sucessão de nomes de Liceus nos quais trabalhou o leitor não pense que a vida de nossa autora foi simplesmente a vida pacata de uma dedicada professora de ensino médio. Durante esses anos de docência, Simone Weil aproximou-se dos sindicatos e participou de passeatas e protestos, razão pela qual em março de 1938 ela é demitida de seu emprego por questões políticas. Ao longo desses anos, atuando como professora do ensino médio ela escreveu a maior parte de seus ensaios políticos, viajou para a Alemanha para observar ao vivo o que estava ocorrendo politicamente ali, trabalhou como operária (durante uma licença obtida em função de “estudos pessoais” solicitada em junho de 1934) primeiramente na Alsthom e depois na Renault e, por fim, alistou-se como voluntária na Frente Popular, aliada dos republicanos que lutavam contra os nacionalistas sob o comando do General Francisco Franco, mas por causa de um acidente com a sua pistola que ela mesma provocou ela teve de reduzir sua participação na Guerra Civil Espanhola aos meses de agosto e setembro de 1937. Simone Weil, portanto, sempre foi movida pelo mesmo ensejo de buscar experiências reais a partir das quais melhor pudesse construir seu pensamento filosófico e político.

Nosso objetivo neste artigo será o de tentarmos compreender a gênese de um conceito muito importante para a elucidação da filosofia posterior de Simone Weil e que começa a se estruturar nesses anos, a saber, a noção

de contradição. Esse conceito já foi tema de um estudo essencial para o seu entendimento. Refiro-me ao livro escrito a quatro mãos por Giulia Di Nicola e Attilio Danese *Simone Weil. Abitare la Contraddizione*¹. O título “habitar a contradição” é perfeitamente adequado para descrever a nossa autora, pois nos permite entrever a vida e a obra dessa grande filósofa exatamente como ela a viveu, isto é, sob o prisma da contradição, quer negativa quer positivamente avaliada. O livro dividido em três grandes partes (a contradição no social, filosofia e contradição e contradição e religião) pretende caracterizar o pensamento weiliano como estruturado a partir de polos temáticos no interior dos quais subsiste sempre a ideia da contradição. Nosso propósito neste artigo é muito mais restritivo do que o do livro mencionado, pois tentamos localizar e relacionar as principais ocorrências desse termo utilizando somente os textos escritos por Simone Weil nos anos 30 do século passado a fim de, em um texto posterior, podermos melhor analisar a centralidade dessa temática para a compreensão da filosofia weiliana que receberá sua última estruturação nos derradeiros três anos de sua vida, ou seja, de 1940 a 1943.

1. A Noção de Contradição nos anos 30 do século XX

Uma investigação das passagens dos textos escritos nos anos 30 do século XX por Simone Weil nos mostra que o conceito de contradição surge principalmente em meio a dois núcleos temáticos constitutivos do pensamento de nossa autora ao longo dessa década particularmente agitada para ela, quais sejam: o núcleo relativo à doutrina marxiana e as incursões políticas da jovem filósofa nos meios sindicais, bem como o núcleo relativo ao ensino da filosofia e das ciências, atividades nas quais a nossa autora está imersa desde a conclusão de seus estudos superiores. Em outros termos: quer em sala de aula ensinando suas alunas, quer em meio aos operários e ao movimento sindical a noção de contradição começa a se constituir em um importante conceito que será essencial para a compreensão da imensa quantidade de textos que ela produzirá com intensidade assombrosa em apenas três anos (desde 1940 até 1943, ano de sua morte aos 34 anos de idade).

1.1 A Contradição na Natureza

Simone Weil deixou um importantíssimo testemunho de seu modo de pensar em anotações que fazia em pequenos cadernos. Esses textos editados sob o título de *Cahiers* na coleção das obras completas abrangem quatro

¹ DI NICOLA, Giulia P.; DANESE, Attilio. *Simone Weil. Abitare la contradizione*. Roma: Edizioni Dehoniane, 1991.

alentados volumes de mais de quinhentas páginas cada um. A maior parte desses cadernos foi escrita por Simone Weil a partir de 1940. Há, contudo, uma exceção: o primeiro caderno, denominado pelos editores das *Obras Completas* de K1, que foi escrito nos anos trinta (entre 1933 a 1935 e algumas partes finais provavelmente no ano de 1938). Nele encontramos três passagens significativas para o nosso propósito. Todas elas orbitam ao redor de questões e problemas de física e de matemática. Problemas sobre os quais a jovem filósofa meditava para poder expor com maior clareza suas reflexões acerca desses temas tanto para as suas alunas quanto para si mesma. A inspiração kantiana da primeira passagem, que a seguir apresentamos em três momentos, é visível. Simone Weil afirma: “Nós não temos o direito de encontrar contradições na experiência. Somente em nosso pensamento”².

E ela continua refletindo no assunto a partir de um exemplo que ela cita:

“‘A matéria é descontínua’ – Como se nós pudéssemos pensar o mundo diversamente do que *ao mesmo tempo* contínuo e descontínuo. Contínuo, pois nós pensamos o espaço. Descontínuo, pois nós pensamos os objetos”³

Note-se a ênfase que ela dá ao fato de nosso pensamento ter de operar *simultaneamente* com o contínuo e com o descontínuo ao apreender a matéria. Em seguida, nossa autora conclui sua reflexão demonstrando novamente a forte influência da filosofia crítica kantiana que a guia nesses anos: “Nós sabemos que é impossível *pensar o mundo tal qual ele é verdadeiramente*. No entanto, a verdade do mundo não *pode* ser outra coisa do que um pensamento”⁴.

O segundo passo que aparece no primeiro caderno comenta a relação da alma e do corpo e o fato de que o mal que se faz a outrem parece ser mais exterior do que o mal que nós próprios sofremos. A partir disso, a pensadora francesa faz uma constatação final muito interessante para a compreensão de seu pensamento ao afirmar que essas todas são:

“Contradições *essenciais* que as filosofias erram ao tentar resolver, no lugar de as descrever p. ex. mundo e Deus – etc. Considerar a condição humana tal qual ela é, e a descrever”⁵.

Essa atitude, de cunho quase fenomenológico pela ênfase no aspecto descritivo, é muito importante para a nossa filósofa. Para ela há, portanto,

² WEIL, Simone. *Œuvres complètes VI I: Cahiers* (1933- septembre 1941). Paris: Gallimard, 1994, p. 167.

³ WEIL, Simone. *Œuvres complètes VI I: Cahiers*, p. 167.

⁴ *Ibid.*, p. 167.

⁵ *Ibid.*, p. 173. Na verdade o texto das OC traz aqui o verbo “détruire”, mas certamente trata-se de um erro editorial, pois não faria sentido algum falar em uma contradição essencial que pudesse ser destruída.

contradições irresolúveis que não devemos tentar resolver, senão apenas descrever, pois fazem parte constitutiva e inalienável de nossa condição.

Por fim, a última ocorrência nos cadernos dos anos 30 aparece poucas páginas depois da passagem anteriormente citada. Refletindo agora sobre o direito dos seres humanos de agirem sobre a matéria e constatando que se outros seres humanos entrarem no plano de ação de alguém, eles serão usados como matéria por aquele, ela volta a falar em contradições essenciais do nosso pensamento:

“Se não estabelecermos claramente diante de nós as contradições essenciais do pensamento humano, ferimo-nos inopinadamente – *todos* os seres humanos – e cai-se no desânimo ou mentimos para nós mesmos a fim de as evitar”⁶.

Uma outra ocorrência do termo contradição aparece em uma significativa carta que Simone Weil escreve em 1932 sobre o ensino das matemáticas e que ela pretendia publicar em uma revista sindical. Nela nossa autora narra que lecionando filosofia e levada pelo fato de estar previsto no currículo do curso o exame do método nas matemáticas, ela consagrou por volta de doze horas de seu curso à história da matemática com o intuito de mostrar às suas alunas que essa história estava “orientada para uma resolução da contradição fundamental entre o contínuo e o descontínuo (número)”⁷. O êxito dessa atividade didática é explicitada ao final dessa carta evidenciando assim os dotes de clareza da jovem filósofa não apenas na escrita, mas também no ensino:

“Essa experiência teve um sucesso pleno, pedagogicamente falando, no sentido de que o exposto foi compreendido por todas as alunas, inclusive pelas piores em matemática, e todas elas ficaram interessadas e até mesmo entusiasmadas com ela. Elas compreenderam que as matemáticas são um produto do pensamento humano e não um conjunto de dogmas.”⁸

1.2 A Contradição na Sociedade

A obra weiliana mais importante desses anos 30, aquela que a própria Simone Weil denominava para seus amigos de sua “Grande Obra”, a saber, as *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*, escrita em 1934, contém uma primeira síntese do seu pensamento. Nessa obra encontramos três passagens sobre a noção aqui em estudo. As primeiras duas ocorrências são as mais significativas para nós, pois nelas a autora

⁶ *Ibid.*, p. 179.

⁷ WEIL, Simone. *Œuvres complètes IV I: Écrits de Marseille (1940-1942)*. 1. *Philosophie, science, religion, questions politiques et sociales*. Paris, Gallimard, 2008, p. 434.

⁸ WEIL, Simone. *Œuvres complètes IV I: Écrits de Marseille*, p. 435.

delimita com precisão o âmbito no interior do qual ela reconhece a existência de uma contradição.

Analizando a relação do ser humano com a matéria, Simone Weil reconhece uma distinção fundamental entre, de um lado, a passividade da matéria e de tudo que é caracterizado pela matéria, como, por exemplo, uma pedra, e, de outro, o ser humano, que apesar de sua existência corpórea é um ser essencialmente ativo, de modo que para obter a plena obediência de um ser humano nós teríamos de convertê-lo em uma coisa inerte e desprovida de vontade ou de desejo. Isto porque, nem que o queiram, os seres humanos conseguem abdicar totalmente de seus desejos e de suas vontades. Algo que, contudo, produz uma situação paradoxal em uma análise do poder, pois na medida em que os detedores do poder querem seres humanos inertes, sem vontades ou desejos próprios, não mais querem seres humanos, senão coisas. Essa situação é descrita de modo muito claro e enfático por Simone Weil ao dizer que:

“há, na essência mesma do poder, uma contradição fundamental que o impede de vir a existir propriamente falando em algum momento; aqueles que nós denominamos os mestres estão incessantemente compelidos a reforçar o seu poder sob pena de vê-lo destruído, estando assim sempre a perseguir uma dominação impossível de obter, uma perseguição em relação a qual os suplícios infernais da mitologia grega oferecem belas imagens”⁹.

Temos aqui claramente a apresentação de uma contradição essencial que, nas palavras da nossa jovem filósofa não pode ser eliminada, mas, ao contrário, deve ser preservada caso se tenha a intenção de compreender aquele fenômeno no interior do qual a contradição aparece. Assim, a análise do poder mostra que há uma contradição que está na essência mesma dessa questão e que deve ser levada em conta se quisermos ser capazes de apreender corretamente a natureza do poder.

A segunda ocorrência do termo nessa obra de 1934 é muito parecida com a primeira, pois refere-se igualmente à questão do poder. Simone Weil discorre sobre o descompasso existente entre o desejo ilimitado pelo poder e a limitação material que constitui um obstáculo para o exercício desse poder sem limites. Assim ela se exprime sobre o *modus operandi* do exercício do poder em um regime opressor:

“Ele se estende além do que ele pode controlar; ele comanda além do que ele pode impor; ele dispense além de seus próprios recursos; tal é a contradição interna que todo regime opressor contém em si mesmo como um germe mortal; ela é constituída pela oposição entre o caráter necessariamente limitado das bases materiais do poder e o caráter necessariamente ilimitado da corrida pelo poder que se dá na relação entre os seres humanos”¹⁰.

⁹ WEIL, Simone. *Œuvres complètes II 2: Écrits historiques et politiques. L'expérience ouvrière et l'adieu à la révolution*. Paris, Gallimard, 1991, p. 56.

¹⁰ WEIL, Simone. *Œuvres complètes II 2: Écrits historiques et politiques*, p. 65.

Essa contradição entre o limitado e o ilimitado na análise do poder é entendida nessa obra sob a égide de Platão, como uma passagem um pouco anterior a essa acima citada o comprova:

“De um modo geral, nós só podemos considerar o mundo em que nós vivemos como submetido a leis se admitimos que todo fenômeno nele é limitado; e este é o caso também para o fenômeno do poder, como Platão havia compreendido”¹¹.

A última ocorrência do termo na obra aqui em escrutínio realmente não é significativa, pois nossa autora usa o termo contradição em seu sentido coloquial. Assim, ela apenas assinala que a obra de Marx contém contradições¹². Interessantemente, será precisamente sobre esse assunto que Simone Weil redigirá um projeto de artigo três anos depois, a saber, o texto “Sobre as contradições do Marxismo”, datado de 1937. Nele ela se aprofunda em detalhar quais seriam essas contradições e a contradição essencial que ela assinala haver no marxismo é aquela que subsiste entre o método de análise de Marx e as suas conclusões: “Há contradição, contradição evidente, visível entre o método de análise de Marx e suas conclusões. O que não é surpreendente; ele elaborou as conclusões antes do método”¹³.

Retornemos, porém, às passagens nas quais um sentido mais técnico da noção de contradição emerge. Encontramos um passo assim no artigo, escrito e publicado em 1937, “Não recomeçemos a guerra de Tróia”. Nessa passagem, a filósofa francesa está traçando um paralelo entre a noção de poder e a de prestígio. O prestígio funciona, segundo ela, de modo análogo ao poder, isto é, funciona de acordo com um princípio de desmesura. Vejamos a descrição que ela nos faz do prestígio recorrendo ao conceito de contradição:

“A contradição essencial da sociedade humana é que toda situação social se baseia em um equilíbrio de forças, um equilíbrio de pressões análogo ao equilíbrio dos fluidos; mas os prestígios, eles não se equilibram, o prestígio não comporta limites, toda satisfação do prestígio é um atentado ao prestígio ou à dignidade do outro”¹⁴.

Por fim, mencionemos uma passagem de um dos mais conhecidos ensaios de Simone Weil, a saber, “A *Ilíada* ou o poema da força”, escrito entre 1938 e 1939 onde esse confronto entre os que detém e exercem a força e o prestígio, por um lado, e os que estão desprovidos de ambos e os sofrem, por outro, surge com clareza e torna evidente as consequências funestas dessa situação:

“Que um ser humano seja uma coisa, existe aí, do ponto de vista lógico, contradição, mas quando o impossível se tornou realidade a contradição

¹¹ *Ibid.*, p. 65.

¹² *Ibid.*, p. 93.

¹³ *Ibid.*, p. 65.

¹⁴ WEIL, Simone. *Œuvres complètes II 3: Écrits historiques et politiques. Vers la guerre*. Paris: Gallimard, 1989, p. 65.

se torna dilaceramento na alma. Esta coisa aspira em todos os momentos a ser um homem, uma mulher e em momento algum o consegue. É uma morte que se prolonga ao longo de toda uma vida, uma vida que a morte congelou muito tempo antes de a ter suprimido.”¹⁵

Vemos aqui a descrição sensível, veraz e eloquente dos efeitos da força que opera transformando os seres humanos em coisas destituídas de vontades e desejos.

1.3 O Pensamento e a Realidade

Simone Weil é uma autora complexa e difícil, porém, dada a sua imensa clareza de expressão, ela pode parecer, em uma primeira leitura, uma pensadora fácil e até mesmo conceitualmente ingênua. Nada mais longe da realidade! Desde os seus primeiros textos filosóficos constata-se sempre o mesmo esforço de pensar de modo original, a mesma busca de superar dicotomias e compartimentações indevidas em relação a muitos temas e conceitos e, ao mesmo tempo, o entendimento de que é preciso aceitar contradições essenciais que não podem ser eliminadas.

Já em um texto escrito provavelmente por volta de 1929 e intitulado “A priori e experiência” a jovem pensadora de 20 anos já constatava uma contradição relacionada à própria noção de verdade. A passagem é um pouco longa, mas vale a pena citá-la integralmente para mostrar como questões epistemológicas muito sérias subjazem sempre às suas reflexões, ainda que muitas vezes isso não apareça de modo explícito:

“Assim, para que a palavra verdade tenha um sentido é preciso que ao mesmo tempo a verdade seja uma relação entre o pensamento verdadeiro e uma realidade independente de meus pensamentos e um caráter intrínseco do pensamento verdadeiro. É isto o que parece implicar contradição. Posso eu por meio do meu pensamento sair do meu pensamento? Ora, o pensar verdadeiro é isso mesmo ou não é nada. Quando eu erro isso quer dizer que meus pensamentos são reais somente a título de fatos da consciência; quando eu falo algo verdadeiro ocorre que meus pensamentos participam de certa maneira também de uma outra realidade, de uma realidade independente da consciência, com a qual eles me colocam em contato.”¹⁶

A solução dessa aparente contradição é anunciada na sequência:

“Se apresenta uma solução dessa aparente contradição; é a de definir uma realidade que seria independente de nossos pensamentos, mas que teria parte na produção deles e da qual nossos pensamentos dependeriam; pois

¹⁵ WEIL, Simone. *Œuvres complètes II 3: Écrits historiques et politiques*. p. 231.

¹⁶ WEIL, Simone. *Œuvres complètes I: Premiers écrits philosophiques*. Paris, Gallimard, 1988, p. 367.

uma tal realidade seria ao mesmo tempo interior e exterior à consciência, como é necessário para que se possa falar de verdade. O mundo exterior desempenha para cada um de nós esse papel”¹⁷

Essa ideia, ainda incipiente nesse texto, levará paulatinamente a pensadora francesa à sua conhecida noção de “leitura” que terá um papel fundamental nos anos 40 na estruturação do seu pensamento filosófico.

Quando analisamos rapidamente as citações sobre a contradição acima mencionadas encontramos usos variegados do termo. Desde o sentido trivial, qual seja, o de indicar uma falta lógica em algum argumento ou doutrina (é o caso da contradição por ela apontada na obra de Marx), até assinalar uma característica intrínseca a algum aspecto do real que deve ser respeitada caso queiramos conhecer esse aspecto da realidade. Isso ocorre, por exemplo, na investigação científica do mundo, como vimos nos exemplos acima aludidos, extraídos das ciências e das matemáticas, nos quais a distinção basilar do mundo físico é demarcada pelo binômio discreto/contínuo ou, em outros termos, coisas/espço. Igualmente ocorre no caso da análise do poder ou do prestígio (conceito intimamente vinculado ao primeiro), dado que em ambos os casos revela-se uma contradição fundamental entre a desmesura constitutiva do anelo pelo poder ou da busca pelo prestígio e o caráter limitado sobre o qual esse desejo sem limites se exerce, pois ele tem de operar sobre seres humanos que são essencialmente limitados em sua estrutura corpórea, mas enquanto seres de ação são fonte ilimitada de aspirações e volições. A consequência disso, como vimos, é uma terrível espécie de aniquilamento que se produz nas pessoas ainda em vida. Elas são transformadas pelo contato com o poder e o prestígio em coisas inertes e aparentemente sem vontade ou desejo próprios. Por outro lado, nenhum poder ou prestígio pode ser eterno em função do fato de que os seres humanos nunca deixarão de ser uma fonte insaciável de desejos e vontades próprios e por isso toda forma de opressão encontrará um dia o seu fim.

Entrevê-se por meio desse brevíssimo percurso pelos exemplos acima mencionados um projeto de Simone Weil de analisar tanto realidades sociais — poder e prestígio — como distinções inerentes à natureza física das coisas — o contínuo e o descontínuo -, a partir de critérios científicos. A lei científica que para ela operava em todos esses âmbitos era a lei de equilíbrio a qual ela faz referência em um dos passos supracitados no qual transpunha claramente a barreira entre a análise do equilíbrio de fluidos para aquela do equilíbrio social. Outro aspecto que aparece nas citações acima enumeradas era a ideia base de que nenhum fenômeno pode ser

¹⁷ WEIL, Simone. *Œuvres complètes I: Premiers écrits philosophiques*. p. 367.

ilimitado (em consonância com a própria análise de Platão sobre o poder, como ela mesma ressaltava no passo acima referido) e que qualquer desmesura que viole esse limite será punida, ideia que ela certamente traz do seu conhecimento da épica e das tragédias gregas e que aparece explicitado em uma passagem do seu célebre ensaio sobre a *Iliada* no qual Simone Weil afirma que há um “castigo” de “rigor geométrico” que pune o abuso da força e que os Gregos conheciam, castigo este que, de acordo com ela, “constituía a alma da epopéia” e que “sob o nome de Nemesis é o motor das tragédias de Ésquilo; os Pitagóricos, Sócrates e Platão partiram dele para pensar o homem e o universo”¹⁸. Temos aí uma primeira chave para responder à pergunta sobre com base em qual ciência Simone Weil seria capaz de investigar conjuntamente a alma humana, a sociedade e a própria realidade física? Claramente a Grécia de Simone Weil constituirá uma fonte de inspiração fundamental para a reflexão que ela fará nos anos sucessivos sobre a ciência moderna e contemporânea. Igualmente o estudo da obra de Marx será essencial, porquanto, apesar das contradições que ela apontava em Marx, ela nunca cessou, até o fim de sua breve vida, de enaltecer o aspecto científico contido na análise da sociedade humana que ela resume assim na sua “Grande Obra” de 1934: “A grande ideia de Marx é que tanto na sociedade quanto na natureza nada se efetiva a não ser pelas transformações materiais”¹⁹. Todas essas questões ficarão muito melhor esclarecidas nos textos que ela dedicará à compreensão da ciência, do ser humano e da sociedade nos anos 40.

Todavia, em uma resposta a seu antigo professor, Alain, que havia lido com admiração a obra dela, *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*, e escrito para a ex-aluna em janeiro de 1935 felicitando-a pelo texto e a indagando se ela poderia escrever um plano de trabalho acerca das tarefas que precisariam ser empreendidas para acabar com a opressão social, Simone Weil delineia um projeto muito interessante. O esboço da carta de Simone Weil a Alain, provavelmente datada de 1935, oferece algumas tentativas de resposta à demanda de Alain e, mais importante, aponta para a direção do que será a produção weiliana dos cinco derradeiros anos da década de 30 e que a intensíssima produção dos três breves anos da década de 40 confirmarão.

O núcleo da carta se baseia em propor uma correção daquilo que ela denomina “a aventura de Descartes” a qual, segundo ela, soçobrou. Esse equívoco deve-se ao fato de que Descartes não descobriu um meio de impedir a ordem por ele concebida de se tornar uma coisa no lugar de se tornar uma ideia. Isso ocorreu, de acordo com o entendimento de Simone Weil, pelo fato de ter-se feito de uma série uma realidade distinta

¹⁸ WEIL, Simone. *Œuvres complètes II 3: Écrits historiques et politiques. Vers la guerre*. p. 236-237.

¹⁹ WEIL, Simone. *Œuvres complètes II 2: Écrits historiques et politiques. L'expérience ouvrière et l'adieu à la révolution*. Paris, Gallimard, 1991, p. 36.

daquela dos termos que a compõem ao exprimi-la por meio de um signo. Isso foi precisamente o que a álgebra realizou desde o seu início com o matemático francês François Viète. Em contraposição a essa maneira de responder às questões, a qual, de acordo com nossa autora, levou a um caminho errôneo, a saída para esse malogro civilizacional seria, segundo ela, a analogia. Isso porque esta é, para a nossa autora, a única maneira de pensar em uma série sem a isolar de seus termos constitutivos. Sumarizando essa ideia com as próprias palavras de Simone Weil: “somente a analogia nos dá a possibilidade de pensar de um modo ao mesmo tempo absolutamente puro e absolutamente concreto”²⁰. Isto porque, como ela explica, nós pensamos as coisas particulares, mas nós raciocinamos sobre o universal e a solução proposta pela ciência moderna ante essa contradição fundamental fracassou. Na compreensão da jovem filósofa:

“a ciência moderna perdeu sua alma querendo resolver esta contradição pelo artifício que consiste em raciocinar apenas sobre os signos convencionais, que são objetos particulares enquanto são marcas negras sobre papel branco, e universais pela sua definição.”²¹

A outra solução seria a analogia. E é precisamente nesse sentido que devemos compreender todo o esforço do pensamento vindouro de Simone Weil. A analogia no sentido forte de uma outra solução a ser adotada culturalmente é uma das mais importantes chaves de leitura da obra weiliana. Sem ela não conseguimos entender as associações que a filósofa faz entre áreas e domínios aparentemente tão desconexos. Um grande equívoco exegetico seria o de considerar essas analogias apenas e tão somente como sendo comparações poéticas sem maiores consequências epistêmicas ou até mesmo como associações ingênuas e indevidas entre assuntos e textos sem correlação possível. Veremos a seguir que essas analogias devem sim ser entendidas poeticamente, mas isso desde que as consideremos poéticas em um sentido eminentemente positivo do termo. A finalidade dessa outra via – a analogia – que ela procurará adotar será portanto a de fazer dos signos meros instrumentos, como queria, segundo ela, o Descartes das *Regulae* e não o da *Geometria*. Deste modo, esses signos serviriam “não ao entendimento, mas à imaginação e o trabalho científico apareceria como sendo, em suma, um trabalho de artista”²². Para essa tarefa ser levada a cabo seria preciso “desenvolver ao máximo a faculdade de conceber analogias sem manejar signos algébricos”²³. Isso deve ser feito, portanto, a partir das percepções, mas não das percepções consideradas abstratamente, senão, em suas palavras, “à percepção do homem no trabalho”, algo que, segundo a pensadora francesa, “implica um estudo aprofundado dos instrumentos do trabalho, não mais de um

²⁰ WEIL, Simone. *Sur la science*. Paris: Gallimard, 1966, p. 111-112.

²¹ WEIL, Simone. *Sur la science*. p. 112.

²² *Ibid.*, p. 112.

²³ *Ibid.*

ponto de vista técnico, isto é, em sua relação com a matéria, mas em relação com o homem, com o pensamento humano”²⁴. O objetivo dela, portanto, é o de constituir o que ela chamava de uma “verdadeira física”, isto é, “a parte da física que concerne os fenômenos que são a matéria do trabalho humano”²⁵. Paralelamente a essa física, seria preciso também construir em um plano distinto e por analogia com ela um “estudo dos fenômenos que são apenas objetos de contemplação”²⁶. Ela compreende que um trabalho como esse demandaria um esforço coletivo de reconstrução de uma história da matemática, das ciências e das técnicas orientadas tendo em vista o trabalho operário e as demais profissões. Além disso, ela desejaria que também fossem escritas obras de pedagogia orientadas por esse novo método. Um exemplo seria um novo manual de física escrito para as escolas do ensino fundamental “no qual a interpretação dos fenômenos naturais seria apresentada exclusivamente sob o aspecto de analogias sucessivas, cada vez mais exatas, e isso partindo da percepção concebida como uma etapa do pensamento científico”²⁷. Ela exemplifica como seria esse manual por meio do fenômeno da luz: “se começaria pela lista de todos os casos nos quais a luz se comporta como algo análogo a um movimento para passar, em seguida, à analogia com o movimento retilíneo e à analogia com as ondas”²⁸. Igualmente as questões sociais seriam tratadas sob essa nova perspectiva. Ela pensa em “monografias concernentes às diversas funções sociais, concebidas, bem entendido, como funções na luta contra a natureza, as suas relações recíprocas e a relação delas com a opressão social”²⁹. Ela conclui essa breve carta declarando que ela ignora como isso possa ser concretamente realizado, mas fazendo um apelo para todos aqueles que sabem ou que fazem alguma coisa. Todavia, como ela enfatiza em suas linhas finais, esse apelo é dirigido para todos aqueles para quem “não é suficiente saber ou fazer efetivamente, mas que queiram refletir sobre o que eles sabem e fazem!”³⁰.

Considerações finais

Para finalizar, gostaríamos apenas de mencionar a importância fundamental para se compreender a filosofia de Simone Weil que se entenda a importância *metodológica* (e não apenas circunstancialmente biográfica) que tinha para ela a imersão em um determinado meio (operário, sindical,

²⁴ *Ibid.*, p. 112-113.

²⁵ *Ibid.*

²⁶ *Ibid.*, p. 113.

²⁷ *Ibid.*, p. 114.

²⁸ *Ibid.*

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*, p. 115.

camponês, etc) e em uma determinada situação (a viagem pela Alemanha antes do advento do Nazismo, a participação na Guerra Civil Espanhola, as manifestações e greves aos lado dos trabalhadores, etc) para poder apreender a verdade de um determinado fenômeno seja ele psicológico, social ou natural. Podemos e, na verdade, devemos ler toda a produção dos últimos oito anos de vida de Simone Weil, desde a elaboração dessa carta-resposta a Alain em 1935, como um esforço hercúleo feito com total seriedade intelectual e absoluta integridade moral nessa direção. Sem dúvida trata-se de um caso singular na filosofia do século XX e esperamos que esse mesmo esforço teórico e prático possam ser vistos como um exemplo e empregados como um incentivo para que os jovens de hoje pensem em e combatam essas novas formas de opressão social que ainda proliferam com abundância nessas duas tão conturbadas décadas iniciais do século XXI.

Referências

DI NICOLA, Giulia P.; DANESE, Attilio. *Simone Weil. Abitare la contraddizione*. Roma: Edizioni Dehoniane, 1991.

WEIL, Simone. *Œuvres complètes de Simone Weil IV 1: Écrits de Marseille (1940-1942). 1. Philosophie, science, religion, questions politiques et sociales*. Paris: Gallimard, 2008.

WEIL, Simone. *Œuvres complètes de Simone Weil I: Premiers écrits philosophiques*. Paris: Gallimard, 1988.

WEIL, Simone. *Œuvres complètes de Simone Weil II 2: Écrits historiques et politiques. L'expérience ouvrière et l'adieu à la révolution*. Paris: Gallimard, 1991.

WEIL, Simone. *Œuvres complètes de Simone Weil II 3: Écrits historiques et politiques. Vers la guerre*. Paris: Gallimard, 1989.

WEIL, Simone. *Œuvres complètes de Simone Weil. OC VI 1: Cahiers (1933- septembre 1941)*. Paris: Gallimard, 1994.

WEIL, Simone. *Sur la science*. Paris: Gallimard, 1966.

Fernando Rey Puente

Rua Sebastião Salvador Correia, 168

31365-610 Belo Horizonte - MG

ferey99@yahoo.com.br